26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 10 – Informação e Memória

ARTEFATOS DE ESCOLAS DE SAMBA: MATERIALIDADES E INSTITUCIONALIDADES DO SER/FAZER CARNAVALESCO

SAMBA SCHOOL ARTIFACTS: *MATERIALITIES AND INSTITUTIONALITIES FOR THE CARNIVAL BEING/DOING*

Wylberth Augusto Marcelino Santa Rosa – Universidade Federal do Espírito Santo /(UFES)
Lucileide Andrade Lima do Nascimento – Universidade Federal do Espírito Santo /(UFES)
Maira Cristina Grigoleto – Universidade Federal do Espírito Santo /(UFES)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Analisa artefatos de escolas de samba considerando respectivas materialidades, institucionalidades e as potencialidades desse corpus documental para a constituição, manutenção, valorização, (re)conhecimento e preservação do ser/fazer das agremiações carnavalescas e dos desfiles. A documentação oriunda dessas práticas legitima as instituições, contribui para a valorização desses territórios ou comunidades e fomenta a permanência de uma identidade construída em coletivo. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de finalidade exploratória, operacionalizada a partir de pesquisa bibliográfica, sob abordagem qualitativa. A pesquisa visa valorizar a experiência dos componentes a partir da institucionalidade e da materialidade dos artefatos das Escolas de Samba. Objetiva compreender esses rituais e a produção dos desfiles, além de investigar a materialização sonora, visual e performática. Conclui que as Escolas de Samba carecem de gestão documental (criação, tratamento e preservação) para o funcionamento e compreensão dos artefatos como elementos de suporte e valorização, interna e externa, das práticas carnavalescas e de sua finalidade central: os desfiles.
Palavras-chave: escolas de samba; agremiações carnavalescas; materialidade; institucionalidade.

Abstract: This study analyzes artifacts from samba schools, examining their materialities and institutionalities, as well as the potential of this documentary corpus for the creation,

maintenance, appreciation, (re)cognition, and preservation of the identity and practices of carnival associations and parades. The documentation arising from these practices legitimizes the institutions, contributes to the appreciation of these territories or communities, and fosters the persistence of a collectively constructed identity. It aims to understand these rituals and the production of the parades, as well as to investigate their sonic, visual, and performative manifestations. This study also aims to highlight the experience of samba school members through the institutional framework and materiality of the schools' artifacts. Methodologically, this is an exploratory study conducted through a qualitative approach based on a literature review. It concludes that Samba Schools lack document management (creation, processing, and preservation) for the functioning and understanding of artifacts as elements of support and appreciation, both internally and externally, of carnival practices and their central purpose: the parades.
Keywords: samba schools; carnival associations; materiality; institutionality.

1 INTRODUÇÃO

A Escola de Samba é socialmente reconhecida como uma manifestação popular de origem negra, mas que em sua historicidade foi negligenciada, marginalizada e quase invisibilizada por parte de órgãos competentes e responsáveis por documentar as manifestações carnavalescas (Candeia Filho; Araújo, 1978). Do mesmo modo, o valor da documentação vem sendo percebida, de forma tardia, pelas Escolas de Samba, cuja ausência de departamento e pessoas capacitadas para realizar o registro das memórias coletivas é sentida cada vez mais reconhecendo, por consequência, a importância e a necessidade da documentação dessas memórias advindas de artefatos e de pessoas primordiais à constituição das agremiações carnavalescas.

Sob tal reconhecimento formulamos uma questão que problematiza acerca de quais artefatos constituem e representam o percurso de construção dos desfiles carnavalescos, das identidades e memórias das Escolas de Samba. Nessa direção, delineamos um percurso de pesquisa norteado pelo objetivo de evidenciar a materialidade e a institucionalidade dos artefatos/documentos presentes no ser/fazer das Escolas de Samba. Como recurso à pesquisa exploratória proposta, utilizamos a pesquisa bibliográfica para compreender os grupos que constituem uma Escola de Samba e mobilizamos autores do campo da Ciência da Informação que discutem a materialidade dos objetos, como Foucault (1987), Frohmann (2008), Amorim e Rabello (2023).

Considerando os fundamentos da Ciência da Informação relativos à discussão de materialidade e artefatos sustenta-se que a materialidade reconhecida nos artefatos carnavalescos (pavilhões, alegorias, figurinos e os próprios corpos performáticos) ultrapassa a

dimensão estética constituindo-se também como suporte informacional. Ao encarnar memórias, saberes e valores do grupo, esses artefatos atuam como dispositivos de informação e de evidências da cultura material carnavalesca que legitimam a identidade das comunidades que promovem os desfiles.

No âmbito da Ciência da Informação os resultados desta pesquisa podem propiciar novas perspectivas de salvaguarda, registro e preservação de memórias e de artefatos para fins de valorização do patrimônio cultural brasileiro produzidos durante o ciclo carnavalesco das Escolas de Samba.

Esta pesquisa começou, a partir da obra 'Carnaval Carioca: Dos bastidores ao desfile' (Cavalcanti, 1995). A autora dialoga sobre o processo, até então mágico, de elaboração do desfile, reconhecendo que as pessoas assistem aos desfiles, mas não sabem quão grande é a estrutura que se organiza para que eles aconteçam. Compreende-se que a partir do desfile é importante valorizar o processo de concepção e a gama de pessoas e documentos envolvidos no processo. Partindo desse marco, recuperamos um exemplar do Livro Abre-Alas (2020), além de outras fontes levantadas na Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci) e no Google Acadêmico. Na Brapci, foram recuperadas publicações a partir das categorias materialidade, institucionalidade e artefatos. Também foram levantados artigos que tratam de Escola de Samba e Carnaval no contexto da área. No Google Acadêmico, a busca foi realizada por artigos que expressam e ilustram a pluralidade de práticas que ocorrem nas Escolas de Samba utilizando, durante a busca, os seguintes descritores: baianas, passistas, velha-guarda, bateria, porta-bandeira; mestre-sala; desfile e Escola de Samba.

A análise das categorias materialidade e institucionalidade, a partir de pessoas e artefatos carnavalescos cumpre, neste artigo, o objetivo de compreender as Escolas de Samba a partir de suas dimensões constitutivas. Em um primeiro momento, discute-se o ser, entendido como a constituição identitária e coletiva das agremiações, expressa nas relações, nos pertencimentos e nas memórias compartilhadas. Posteriormente, aborda-se o fazer, a partir do percurso documental que evidencia as práticas, os processos e as materializações — sonoras, visuais e performáticas — que estruturam o desfile carnavalesco. Por fim, a pesquisa articula essas dimensões, evidenciando como materialidades e institucionalidades se entrelaçam na produção, na circulação e na preservação dos sentidos que sustentam as Escolas de Samba ao longo do tempo.

2 IDENTIDADE E IDENTIFICAÇÃO: O SER DAS ESCOLAS DE SAMBA

As Escolas de Samba, geralmente conhecidas por seus títulos e pelas bandeiras que lhes atribuem peso simbólico e legado, trazem nos respectivos nomes a sigla — vez ou outra omitida — que significa Grêmio Recreativo Escola de Samba (G.R.E.S.) (Oliveira Junior, 2017). Essa denominação evidencia seu caráter de agremiação voltada ao lazer de associados, comunidades e admiradores do carnaval, ao mesmo tempo em que reforça seu papel institucional na representação de coletivos e territórios.

Cada Escola de Samba, considerando uma caracterização mais ampla, pode ser dividida em dois grupos de componentes, sendo um grupo de componentes atuantes (departamentos) e outro grupo de componentes regulares (comunidade e frequentadores). Os componentes atuantes, abarcam setores organizacionais e alas representativas da Escola. Desse grupo saem produções que caracterizam a escola como figurinos, sambas e bossas rítmicas da bateria. No grupo de componentes regulares, geralmente surgem os talentos que irão compor o grupo atuante. A partir desse grupo de componentes regulares, também acontecem processos de avaliação, ainda que simbólicos, do impacto da agremiação. Esses processos se manifestam em indicadores como a quadra cheia, a adesão ao samba-enredo eleito, a aquisição de fantasias, o engajamento nos ensaios e a consolidação da torcida nas arquibancadas durante o desfile carnavalesco. Rosa e Mathias (2020) descrevem o percurso carnavalesco como uma processualidade que se materializa e se institucionaliza, a partir de dois eixos:

a) do texto enquanto linguagem estruturante que materializa o tema e a suas representações em alegorias, fantasias e músicas:

> [...] o processo artístico com a criação do texto mestre que explicita qual tema e qual recorte a escola levará para a avenida; a materialização desse texto em fantasias e alegorias que resulta no projeto arquitetônico (fantasias em larga escala, carros alegóricos, etc); a sonoridade (quando a materialidade visual se transforma em música, o samba enredo) (Rosa; Mathias, 2020, p. 26).

b) da institucionalidade dos ensaios enquanto ritos de aprimoramento da performance, da singularidade da Escola e do desfile na avenida;

> [...] os ensaios dos componentes a fim de melhorar a performance até o dia do desfile principal e, enfim, o dia oficial da competição, onde as Escolas de Samba desfilam pela avenida, são televisionadas e contribuem para o carnaval como forma de entretenimento cultural e midiático (Rosa; Mathias, 2020, p. 26).

Durante o desfile acontece a apresentação do preparo da comunidade, da narrativa e da

imagem que a agremiação desenvolveu. Porém, entende-se que é nos ensaios, ao longo do ano, que a Escola de Samba reúne seus componentes para convencer, encantar e produzir a narrativa que será apresentada durante o desfile. Nessa fase, são produzidas narrativas a partir do texto e das memórias coletivas até finalizar-se o enredo e os diferentes artefatos que o representam. As escolhas dos componentes atuantes refletem o que difere uma Escola de Samba das outras. A identidade de um grupo, representando comunidades, aparece no seu modo de fazer o samba, na linguagem e/ou na abordagem do seu enredo, na dança e também na forma dos ritmistas batucarem.

A questão da documentação no processo de preparação do desfile nas agremiações também se apresenta como complexa, uma vez que, de modo geral, os saberes e relatos são transmitidos de forma oral ou incorporados às práticas. Nesse contexto, ainda que inseridos em posições socialmente marginalizadas, os sujeitos que compõem as Escolas de Samba detêm e reconhecem, no interior dessas agremiações, um domínio legítimo de saberes, assumindo, simbolicamente, o lugar de 'doutores' e 'professores' dessas práticas (DaMatta, 1997). Contudo, essa tradição oral e prática vem se fragilizando ao longo do tempo.

Se, por um lado, os desfiles na atualidade gozam de ampla projeção e notabilidade midiática, por outro, perde-se, diante da ausência de registros sistemáticos, parte significativa das experiências que constituem o processo de produção carnavalesca. Tais experiências, desenvolvidas coletivamente, evidenciam formas de pertencimento, sociabilidade e identificação que extrapolam o momento do desfile e se inscrevem no cotidiano das agremiações.

No interior dessa dinâmica, DaMatta (1997) destaca que essas práticas coletivas revelam uma elevada consciência de pertencimento a bairro, grupo e identidade racial, aspectos que estruturam a participação dos sujeitos nas Escolas de Samba. É nesse espaço que ocorre uma inversão simbólica das hierarquias sociais, na medida em que sujeitos historicamente situados em posições de inferioridade social e econômica assumem, no universo carnavalesco, posições de autoridade e reconhecimento. Essa inversão se expressa, entre outros aspectos, no domínio das práticas corporais e musicais — como o samba — frequentemente associado, no imaginário social, a um saber incorporado e legitimado no interior dessas comunidades (DaMatta, 1997).

Pollak (1992) argumenta que a memória não apenas conserva experiências, mas participa ativamente da constituição do sentimento de identidade. Ao selecionar

acontecimentos, práticas e referências, a memória atua na construção de uma imagem de si que é, simultaneamente, individual e coletiva, sendo elaborada tanto para o próprio sujeito quanto para os outros. O autor, afirma que a 'memória é seletiva', constitui um trabalho de negociação que sistematiza aquilo que deve ser lembrado e reconhecido, contribuindo para a forma como grupos sociais se percebem e desejam ser percebidos. No caso das Escolas de Samba, essa dinâmica se evidencia na valorização de determinados elementos, sujeitos e práticas que passam a condensar e expressar o 'ser' coletivo da agremiação.

Nessa ausência de registro do processo de preparação e documentação do desfile, observa-se que determinados objetos passam a concentrar valor representativo, afetivo e simbólico, como, por exemplo, um blazer produzido exclusivamente para os membros da velha guarda, ou o simbolismo da Ala das Baianas que são representadas por mulheres vestidas com grandes saias rodadas e um item de cabeça como adorno essencial. Essas mulheres simbolizam o nascimento das Escolas de Samba nos fundos de quintais das mães de santo baianas. Almeida (2020, p. 483) questiona "O que fica de significado, de sapiência?", reforçando o questionamento de que precisamos saber qual é o legado deixado, porque devemos valorizar o que esses corpos carregam e o que eles guardam.

Baseando-se no exemplo das mães de santo, passeando pelos fundos de quintais, reconhece-se que as Escolas de Samba nasceram em comunidades periféricas marginalizadas que festejando nas frestas do cotidiano criaram uma manifestação cultural de alto nível, enfrentando sempre novos desafios, geralmente relacionados ao respeito, à conquista de espaços de manifestação e às limitações de recursos financeiros para a realização dos desfiles e demais atividades (Moreira, 2019). É nesse cenário de enfrentamento contínuo que as agremiações se reafirmam, constituindo-se na resistência, na criação coletiva e na continuidade de suas práticas culturais.

Essa reafirmação também se manifesta nas escolhas de narrativas dos desfiles realizados pelas agremiações, que frequentemente privilegiam temas, histórias e referências próximas às realidades vividas por seus componentes e comunidades. Ao mobilizar elementos do cotidiano, da memória coletiva e das experiências compartilhadas, essas narrativas estabelecem formas de comunicação que reforçam o pertencimento e o reconhecimento entre os sujeitos. Nesse sentido, como observa Araújo (2020), o samba se configura como um dispositivo de reafirmação identitária, na medida em que, ao ser entoado, mobiliza histórias, memórias e esforços

coletivos, tornando o desfile o resultado dessas trajetórias.

Ao entoar o samba escolhido por sua agremiação, em certos contextos específicos quando tratam temas da negritude, comunidades resgatam histórias, esforços e memórias, aparecendo o espetáculo como resultado de realizações desses coletivos. Por isso, reafirma-se para quem é aquela festa e de onde nós viemos (Araújo, 2020).

Batista e Amaral (2017) discutem o conceito de dromologia para compreender as transformações do carnaval contemporâneo no contexto das Escolas de Samba, associadas à aceleração dos processos técnicos e estéticos que impactam a organização do desfile e a forma como o espetáculo é concebido e apresentado. Nesse sentido, o chamado 'carnaval do espetáculo' resulta de um processo de intensificação que altera os elementos visuais e estruturais e as dinâmicas de produção, que se manifestam em diferentes aspectos do desfile, como alegorias, fantasias, narrativa e, sobretudo, na Comissão de Frente. A incorporação de novos materiais e recursos cênicos reconfigura essas estruturas, introduzindo movimento, teatralidade e maior complexidade estética, fazendo com que a Comissão de Frente deixe de exercer apenas uma função protocolar e passe a assumir um papel performático, com coreografias e encenações articuladas para introdução do enredo apresentado.

Nesse contexto de transformação, observa-se que a relação entre os sujeitos e o desfile também se modifica. Os integrantes que, em outros momentos, apresentavam a agremiação ao público de forma mais espontânea passam, com a espetacularização, a se adequar às mudanças dromológicas, incorporando tecnologias, coreografias e recursos cênicos que contribuem para a construção e ilustração do enredo a partir das apresentações que realizam. Mais do que ocupar um lugar representativo dentro da narrativa, os sujeitos passam, assim, a buscar formas de participação mais ativa nos processos performáticos. Como exemplificado por Batista e Amaral (2017), ao analisarem uma Comissão de Frente que narrava a trajetória de Ivete Sangalo, a própria homenageada não se limitou a uma posição simbólica, mas inseriu-se na performance, dançando junto aos integrantes. Esse movimento aponta para um deslocamento importante: o sujeito não apenas deseja ser representado, mas afirmar seu pertencimento por meio da participação nos processos de construção do desfile.

Em texto sobre 'os invertidos', Oliveira; Lemos (2020) descreve o deboche e o desejo de grupos marginalizados que se sentiam livres para se vestir, fantasiar-se do que não eram, fazendo imitações que mesclavam com o que de fato são. A travesti que no carnaval pode se

vestir como deseja e no evento ser cortejada pela dedicação e, diferentemente, em qualquer outro período, lida com o desprezo e a intolerância. Em outro texto, Cunha Junior *et al.* (2020a) ressaltam o acolhimento de vedetes pelas Escolas de Samba, contexto em que eram vistas e mesmo havendo tabus, havia uma certa hospitalidade, podendo até ganhar funções cobiçadas em décadas passadas. O tópico ganha um novo olhar quando se tem a percepção de que a agremiação, enquanto institucionalidade de um coletivo, prioriza uma figura externa e deixa de olhar as figuras que de lá são pertencentes, mas de toda forma proporciona diferentes encontros e acolhimento.

Descrever identidades em Escolas de Samba é associar um território tido como subalterno, sendo gerido, representado e difundido por pessoas desse território que se veem atravessadas por um contexto com o qual se identificam. O acolhimento, o envolvimento e a identificação do sujeito com o meio concebem momentos e artefatos que contribuem para a construção de memórias deste coletivo, ambiente onde cada um percebe, atua e vive de forma íntima.

3 DOCUMENTO: O FAZER NAS ESCOLAS DE SAMBA

A partir da divulgação do enredo, o período carnavalesco assume o *status* de temporada aberta, com diversos grupos ou agremiações se reunindo para discutir e realizar o desfile. O desfile é representado por uma ampla materialidade (muitos artefatos) visibilizando e dando tridimensionalidade ao enredo e por institucionalidades (os ensaios, a cultura da agremiação, as regras e os ritos) durante o período de preparação e que nortearão os modos de produção e de divulgação do enredo, conforme argumenta Mangabeira (2020, p 351):

> [...] o que se fala antes do Carnaval agrega valor semântico ao que se verá no desfile. O próprio samba-enredo, lançado meses antes, sendo construído a partir do enredo, também alavanca sentidos e significados que podem ou não se confirmar no êxtase do desfile, mas que já o antecipam, ao menos como expectativa.

Os artefatos nas Escolas de Samba se institucionalizam por meio de seus aspectos técnicos, administrativos e socioculturais, que lhes conferem contextos e significados inteligíveis para sua enunciação. A organização e subsequente documentação de artefatos tende a ser mais simples quando amparada na fisicalidade dos objetos, porém, na Escola de Samba a materialidade se expressa na ação, em suma, o visual (o item materializado) ganha densidade quando compõe uma performance: o desfile.

O item materializado pode ser documentado, mas seu significado é secundário quando comparado ao momento do desfile, um contexto revelador dos significados e sentidos que se deseja representar: torna-se um documento secundário[1] que compõe a execução da sonoridade ou desempenho performático. Após o desfile institucionaliza-se enquanto artefato de memória social. Tratando de objetos na perspectiva neodocumental defendida por Frohmann, os pesquisadores Amorim e Rabelo (2023) descrevem que:

> [...] o documento se estabelece 'no' e 'com' contexto no qual está inserido. Ao ser estudado em cenários particulares, o interesse no documento está relacionado a partir de dimensões simbólicas, epistêmicas e de poder, mediante as quais se pressupõem institucionalidades e intencionalidades (Amorim; Rabello, 2023, p. 104).

Assim, o universo das Escolas de Samba se apresenta como um objeto de estudo profícuo, os artefatos são muitos, de itens físicos a imateriais, não faltam objetos, processos e recursos a serem descritos e documentados. A materialidade e a representação é o mote principal da Escola de Samba. Nesse movimento os artefatos são de muito valia, como as bandeiras e os instrumentos, mas no meio carnavalesco o fascínio também é deslocado para o responsável por manusear e atribuir usos e significados a esses objetos.

A partir dessa perspectiva de observação dos artefatos e por meio de pesquisa bibliográfica, baseada na obra Bastidores do Carnaval (Cavalcanti, 1995) e na descrição das fichas técnicas da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira no Livro Abre-Alas (Abre-Alas, 2020), identificamos grupos de participantes representativos organizados a partir de suas práticas: performática, visual/narrativa e oral/sonora, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1 - Práticas Levantadas em Escolas de Samba.



Fonte: elaborado durante a pesquisa (2026).

[1] A noção de documento secundário dialoga com a perspectiva de Suzanne Briet (1951), para quem o documento não se limita ao objeto em si, mas ao conjunto de relações que o tornam inteligível em determinado contexto. Nesse sentido, registros derivados, interpretações ou reconfigurações de um fenômeno podem ser compreendidos como documentos secundários, uma vez que não constituem o evento em si, mas sua mediação, representação ou desdobramento.

Observamos que esses grupos são contribuintes da materialidade e da institucionalidade constituinte das agremiações carnavalescas e constroem a Escola de Samba a partir do seu envolvimento social e cultural (Mangabeira, 2020).

3.1 PRÁTICA VISUAL

O desfile carnavalesco contemporâneo é dinâmico e se transforma constantemente, pode ser compreendido como um 'carnaval do espetáculo', com marcada inserção tecnológica para intensificação dos aspectos visuais e estéticos do desfile (Batista; Amaral, 2017). A espetacularização, a partir dessa dinâmica, contribui para o aprimoramento do cortejo, reconfigurando formas de apresentação e ampliação das possibilidades narrativas.

A imagem e/ou a materialização do texto enredo em artefatos, têm grande relevância no aspecto memorialístico do carnaval. Durante o desfile, os componentes atuantes de uma Escola de Samba, constituem uma simbiose com os artefatos e na performance representam, simbolizam e atribuem sentido ao enredo ou à narrativa representada. O desfile é uma apresentação em marcha de uma narrativa, proposta por um carnavalesco. No enredo de 1989, Joãosinho Trinta descreve o desfile das Escolas de Samba como uma forma complexa de espetáculo, comparando-o à estrutura de uma ópera:

> O desfile das Escolas de Samba é hoje considerado o maior espetáculo da Terra em termos de grandeza, criatividade e vibração. Por ser um espetáculo completo, o desfile pode ser nomeado como nossa verdadeira ÓPERA DE RUA. Todos os componentes de uma Ópera erudita estão presentes na estrutura da Escola de Samba. Começando pelo enredo que é o libreto, passando pela música, dança, canto, cenografia, figurinos, orquestra e interpretação (Joãosinho Trinta, 1989, não paginado).

O carnavalesco detém o domínio do que a Escola de Samba pode apresentar e deixar de mensagem com o desfile através de representações visuais. No enredo de 1989, Joãosinho Trinta propôs um olhar sobre as mazelas do país, ao designar os mendigos como condutores de uma narrativa que guia o público por diferentes 'lixeiras'. No enredo, o carnavalesco descreve como parte dessa viagem seria materializada na avenida:

> O carro de abertura vem mostrando o acúmulo desta miséria expresso no lixo físico e humano em torno da enorme e significativa figura de um CRISTO MENDIGO. Isto é a própria imagem do Rio de Janeiro e do Brasil. Uma multidão de pedintes, famintos, pivetes, meretrizes, bêbados, loucos, entidades de rua [...], o segundo carro, que representa uma enorme lixeira ao lado de um paredão onde está escrito o seguinte convite: ATENÇÃO: Mendigos, desocupados, pivetes, meretrizes, loucos, esfomeados e povo de rua. Tirem dos Lixos os restos de Luxos! Façam suas fantasias!

> Venham participar de um GRANDE BAILE DE MÁSCARAS! A MARQUÊS DE SAPUCAÍ É VOSSA! (Joãosinho Trinta, 1989, não paginado).

O desfile gerou a emblemática imagem do Cristo Redentor com sua silhueta representativa censurada, após a arquidiocese do Rio de Janeiro vetar sua representação como mendigo (Gois, 2020). Em resposta, a agremiação cobriu a escultura com plástico preto e adicionou a inscrição 'Mesmo proibido, olhai por nós', provocando ampla repercussão midiática. Esse episódio evidencia como, no contexto do carnaval contemporâneo, a busca por representações impactantes se materializa em fantasias e alegorias concebidas para forte efeito visual, mas de caráter efêmero, frequentemente registradas apenas por imagens e fotografias. Assim, tais elementos passam a ter uma existência limitada ao momento do desfile, sendo posteriormente descartados ou reaproveitados.

No cotidiano das Escolas de Samba o objeto materializado 'morre' ou é reaproveitado com novas características (Oliveira Junior; Costa, 2020). Embora os carnavalescos preservem seus projetos, observa-se a ausência de mecanismos institucionalizados de documentação e preservação que garantam a conservação das representações levadas à avenida. Ao discutir a musealização de artefatos carnavalescos, Menezes (2022) problematiza justamente essa condição efêmera, destacando os desafios de documentar e preservar elementos que se realizam plenamente na performance:

> Seria preciso refletir a respeito dos instrumentos necessários à conservação das fantasias e à musealização de performances – pois as fantasias só se completam ao serem vestidas e utilizadas em coreografias na passarela do samba -, bem como quanto às implicações de destinar à preservação obras efêmeras, isto é, produzidas para serem desmanchadas e reaproveitadas ao final de cada desfile (Menezes, 2022, p. 265).

Menezes (2022) relata que uma das tentativas de musealização foi interrompida de forma abrupta, com o incêndio do Museu Nacional em 2018, evidenciando a fragilidade das iniciativas de preservação da memória.

A Comissão de Carnaval desempenha papel central na organização e coordenação dessas atividades, oferecendo suporte ao carnavalesco, responsável pela concepção artística e pelas diretrizes do projeto. Mais do que funções operacionais, tais estruturas evidenciam uma dimensão institucional e documental do fazer carnavalesco, na medida em que organizam, sistematizam e dão continuidade aos processos que sustentam a realização do desfile.

3.2 PRÁTICA ORAL/SONORA

O desfile de carnaval sustenta-se, sobretudo, na atuação de seus integrantes, que perpetuam as memórias da Escola de Samba por meio de práticas compartilhadas e experiências vividas de forma íntima. Roriz e Barbosa (2020) recolheram entrevistas com integrantes da Velha Guarda de Escolas de Samba do Rio de Janeiro para compreensão de como a instituição acolhe seus afiliados. Os componentes da Velha Guarda são parte dos suportes de memórias dessa instituição, eles se transformam enquanto ela é transformada por eles.

A oralidade desempenha papel central na constituição desses sujeitos como suportes de memória, na medida em que trajetórias, narrativas e experiências por eles produzidas organizam e dão continuidade ao universo institucional da Escola de Samba. Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de Foucault (1987), ao considerar que os sujeitos podem ser compreendidos como objetos de saber, passíveis de descrição, análise e inscrição em sistemas de conhecimento, sem que se percam suas singularidades e percursos particulares.

Atrelado à oralidade, dentro da Escola de Samba, a sonoridade compõe a memória. Os ensaios, voltados ao aprimoramento da performance, baseiam-se na repetição contínua dos sambas-enredo — tanto do desfile em preparação quanto de carnavais anteriores —, contribuindo para a incorporação e transmissão desses repertórios. A prática sonora, dessa forma, sustenta a organização do desfile subsequente e contribui para a atualização da memória coletiva da agremiação. Essa dinâmica também pode ser compreendida à luz de Frohmann (2008), que, ao mobilizar as reflexões de Foucault sobre ‘sociedades disciplinares’, aponta que diferentes grupos sociais se estruturam por meio de regimes de informação que se materializam em práticas reiteradas e organizadas, constituindo aquilo que o autor denomina como um ‘frenesi documentário’, no qual a produção e circulação de registros se intensificam no interior dessas dinâmicas sociais.

No caso das Escolas de Samba, os concursos de samba-enredo constituem um exemplo dessa lógica, ao instituírem regras, critérios e formas de participação que organizam a atividade dos compositores e orientam a produção musical. Desse modo, tais concursos evidenciam uma dimensão institucional da prática sonora, na medida em que estruturam, regulam e dão continuidade à produção de um dos principais elementos do desfile.

3.3 PRÁTICA PERFORMÁTICA

Dentro da Escola de Samba, um artefato brilha através da performance vista em

movimentos corporais. O aprimoramento da performance é o que leva o componente até as quadras ao longo do ano, estruturando sua participação nos ensaios e nas atividades da agremiação. Nesse sentido, o passista é caracterizado como "[...] dançarino do samba brasileiro. Sua matéria-prima é o corpo e sua habilidade é saber sambar" (Costa; Guimarães, 2020, p. 588).

Para além da habilidade individual, Costa e Guimarães (2020) evidenciam que a performance se constitui como resultado de um processo institucional, no qual diferentes práticas e interações contribuem para a formação do sujeito enquanto integrante da escola:

> [...] os ensaios, as relações interpessoais na quadra e fora dela, a reação da plateia, a vestimenta exigida para os integrantes da ala, etc, tudo isso vai configurar o leque de mecanismos que informam e autorizam o dançarino popular da dança do samba no pé a se transformar num 'passista da escola tal' (Costa; Guimarães, 2020, p. 589).

Na Escola de Samba, não há como tratar do pavilhão sem considerar a entidade que ele representa e o sujeito responsável pela condução desse artefato. Cunha Junior *et al*. (2020b) caracterizam o ofício da Porta-Bandeira, evidenciando o caráter simbólico e ritualístico de sua atuação na apresentação do pavilhão. Esses componentes "[...] tem a função de ostentar, conduzir e apresentar o pavilhão da sua Escola de Samba, que deve estar sempre desfraldada no momento do giro" (Cunha Junior *et al*., 2020b, p. 267).

A figura da Porta-Bandeira permite compreender que a relação entre artefato e sujeito ultrapassa a dimensão funcional, configurando-se como um espaço de atribuição de autoridade. Nesse sentido, o pavilhão — símbolo maior da agremiação — pode ser compreendido à luz da noção de "[...] tecnologias inerentemente políticas [...]" proposta por Winner ainda em 1986 (Winner, 2017, p. 206), na medida em que organiza e legitima relações de poder e reconhecimento no interior da Escola de Samba. Como destacado por Cunha Junior *et al.* (2020b), essa dinâmica se expressa na forma como a Porta-Bandeira estrutura relações simbólicas de distinção no interior da agremiação, sendo ela a:

> [...] autoridade sobre sua 'corte', inclusive decidindo quem pode beijar o pavilhão. O poder da decisão, ao conceder este direito, atesta grande honraria. Portanto, a decisão de levar o pavilhão para alguém demonstra para a plateia a importância da pessoa escolhida (Cunha Junior *et al.,* 2020b, p. 284).

Para além dessas relações de autoridade, Cunha Junior *et al.* (2020b) também descrevem a ligação afetiva entre sujeito e artefato, a porta-bandeira atribui afetividade materna por seu pavilhão, ela reconhece seu valor e significância para todos os componentes da agremiação, que enxergam nela a materialização da Escola de Samba, portando o artefato, ela se torna ele. Por

fim, apontam que a consolidação desse papel resulta de um processo histórico de definição de funções no desfile, no qual diferentes configurações foram experimentadas — como a presença de homens no papel de porta-bandeira e mulheres como mestre-sala — até a estabilização dos padrões atuais, evidenciando o caráter construído e institucionalizado dessas práticas (Cunha Junior *et al.,* 2020c). O que se observa no caso do pavilhão e da Porta-Bandeira também pode ser estendido a outros elementos do desfile, nos quais artefato, sujeito e performance se articulam de modo igualmente institucionalizado. Essa dinâmica revela que a materialidade dos artefatos carnavalescos não se limita à sua dimensão visível, mas se insere em processos mais amplos de produção, registro e institucionalização.

Nesse sentido, à luz das reflexões mobilizadas por Frohmann (2008), a partir de Foucault, a documentação pode ser compreendida como um dispositivo que participa da constituição dos sujeitos e das práticas no interior das instituições, como aponta o autor ao afirmar que esse dispositivo possui um poder "[...] gerativo e formativo, através do qual indivíduos que podem ser conhecidos são constituídos institucionalmente" (Frohmann, 2008, p. 8).

Nesse universo, práticas como os encontros da Velha Guarda, os ensaios e as celebrações coletivas, além de preservarem a memória, produzem e reafirmam a identidade do grupo. Assim, a memória se configura como um processo vivido e compartilhado, sustentado pela interação entre os sujeitos e pelas dinâmicas institucionais que garantem a continuidade do fazer carnavalesco.

Como aponta DaMatta (1997, p. 30), "O carnaval está, portanto, junto daquelas instituições perpétuas que nos permitem sentir (mais do que abstratamente conceber) nossa própria continuidade como grupo". A observação permite compreender que o carnaval, no contexto das Escolas de Samba, não se sustenta apenas como evento, mas como uma instituição que se realiza na experiência coletiva e na interrelação das práticas. Assim, a permanência do grupo não se dá apenas pela realização do desfile, mas no conjunto de processos, interações e vivências que se desenvolvem ao longo de sua construção.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratando dos artefatos e pessoas que agem/atuam/funcionam para a potência da materialidade e da institucionalidade das Escolas de Samba, articulamos a fisicalidade desses elementos, as relações de pertencimento, territorialidade e engajamento que atravessam esse universo. As diferentes práticas — visuais, orais/sonoras e performáticas — demonstram que o

desfile é resultado de um processo coletivo, no qual objetos, corpos e narrativas se entrelaçam para a produção do espetáculo.

Sendo assim, além de sua dimensão organizacional e performática, as Escolas de Samba se constituem como espaços de produção de identidade (o ser), nos quais o pertencimento se manifesta nas práticas, nas relações e nas formas de participação dos sujeitos (o fazer). Trata-se de uma instituição construída a partir da atuação de seus integrantes e das dinâmicas sociais que os atravessam. Nesse contexto, a identidade não se apresenta como um dado fixo, mas como um processo resultante da experiência, que se expressa no modo de fazer o samba, na linguagem, na dança e nas escolhas narrativas que aproximam o desfile das realidades de seus componentes.

Inseridas historicamente em contextos periféricos e marginalizados, essas agremiações também se afirmam como espaços de resistência e criação coletiva, nos quais o fazer carnavalesco se consolida como prática sociocultural. Assim, os artefatos/documentos das Escolas de Samba não se restringem aos objetos materiais, mas incluem também os sujeitos, as práticas e as relações que sustentam a continuidade dessas instituições. A partir dessa dinâmica, a memória não se configura como um dado estático, mas como um processo contínuo, produzido nas interações e experiências compartilhadas.

Nesse movimento, as transformações contemporâneas do carnaval, marcadas pela intensificação dos aspectos técnicos e estéticos, reconfiguram a relação dos sujeitos com o desfile. Se, em outros momentos, a participação se dava de forma mais espontânea, a atual espetacularização introduz novas exigências, como a incorporação de tecnologias e a padronização das performances. Ainda assim, observa-se que a espontaneidade não é suprimida, mas reorganizada ao longo do processo carnavalesco, manifestando-se nos engajamentos e nas interações cotidianas da agremiação. No desfile — momento de culminância —, essa dinâmica se reconfigura, dando lugar a formas mais padronizadas de participação, orientadas pela necessidade de coesão coletiva e desempenho competitivo.

A ausência de recursos e de estratégias sistematizadas de registro impacta diretamente a valorização territorial das agremiações, bem como a permanência de identidades construídas historicamente por sujeitos oriundos desse núcleo. O carnaval realizado pelas Escolas de Samba ainda carece de uma atenção documental, mais sistematizada à luz dos fundamentos teórico-metodológicos da Ciência da Informação, que permita compreender de forma mais

aprofundada os artefatos, a materialidade e a institucionalidade que produz. Torna-se igualmente necessário valorizar os sujeitos que compõem essas agremiações, bem como o registro das respectivas práticas (performática, visual/narrativa e oral/sonora) para perpetuação dessas identidades coletivas e da memória das Escolas de Samba.

A materialidade do carnaval está presente na representatividade do registro do fazer: de um intérprete que, ao puxar o samba, demonstra seu amor pela escola; no encantado rodopio da baiana; na sutileza da porta-bandeira; e na garra dos passistas que riscam o chão, ao som do batuque de ritmistas apaixonados.

A institucionalidade dos artefatos de uma Escola de Samba está na força documentada pelo ser/fazer dos fiéis componentes, que utilizam a instituição como forma de expressão. Todos esses contribuem para a existência e manutenção (dos artefatos/documentos) das Escolas de Samba pela condição de sujeitos e agentes do ser e fazer desse lugar. Temas para aprofundamento em próximos estudos, no campo da Ciência da Informação, enquanto sujeitos e protagonistas da cultura material das Escolas de Samba.

REFERÊNCIAS

ABRE-ALAS: domingo: Carnaval 2020. Rio de Janeiro: Liesa, 2020. Disponível em: https://liesa.org.br/downloads/memoria/outros-carnavais/2020/abre-alas-domingo.pdf. Acesso em: 5 nov. 2025.

ALMEIDA, Thiago Acacio de *et al*. Poética dinástica do tabuleiro de Ciata: sapienciais das baianas do atual carnaval carioca. **Policromias**: Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, ed. esp., p. 480-515, dez. 2020. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/download/38506/21770/109172. Acesso em: 31 out. 2026.

AMORIM, Ana Karolina Alves; RABELLO, Rodrigo. La materialidad de la información en Bernd Frohmann. **Ibersid**: revista de sistemas de información y documentación, [*s. l.*], v. 17, n. 1, p. 103-113, 2023. DOI: 10.54886/ibersid.v17i1.4918. Disponível em: https://www.ibersid.eu/ojs/index.php/ibersid/article/view/4918. Acesso em: 20 ago. 2024.

ARAÚJO, Victor Marques de. Por um rizoma dos sambas de enredo: faces da negritude. **Policromias**: Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, ed. esp., p. 234-254, dez. 2020. DOI: 10.61358/policromias.v5i4.38476. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/38476. Acesso em: 31 out. 2026.

BATISTA, Tiago José Freitas; AMARAL, Nair Ferreira Gurgel. Ivete do Rio São Francisco ao Rio de Janeiro: pertencimento e projeções identitárias na comissão de frente da Grande Rio 2017. **Policromias**: Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 3, p.

138-152, 2017. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br/download/118381. Acesso em: 29 jul. 2024.

CANDEIA FILHO, Antônio; ARAÚJO, Isnard. **Escola de samba**: árvore que esqueceu a raiz. Rio de Janeiro: Lidador, 1978.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval carioca**: dos bastidores ao desfile. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

COSTA, Eduardo da; GUIMARÃES, Valéria Lima. Quando os passistas são o show: cultura, arte e resistência muito além de estereótipos. **Policromias**: Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, ed. esp., p. 584-603, dez. 2020. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br/download/247070. Acesso em: 10 ago. 2024.

CUNHA JUNIOR, Milton Reis *et al*. No século do samba, alegorias de hospitalidade. **Policromias**: Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, ed. esp., p. 534-567, dez. 2020a. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br/download/231298. Acesso em: 29 jul. 2024.

CUNHA JUNIOR, Milton Reis *et al*. Porta-bandeira no terceiro milênio: rodopios do imaginário. **Policromias**: Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, ed. esp., p. 255-290, dez. 2020b. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br/download/231346. Acesso em: 29 jul. 2024.

CUNHA JUNIOR, Milton Reis *et al*. Terceira migração do talabarte. **Policromias**: Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, ed. esp., p. 142-174, dez. 2020c. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br/download/231304. Acesso em: 29 jul. 2024.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault_vigiar_punir.pdf. Acesso em: 17 ago. 2024.

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação. *In*: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; MARTELETO, Regina Maria; LARA, Marilda Lopes Ginez de (org.). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. p. 19-34. DOI: 10.36311/2008.978-85-98176-17-8.p19-34. Disponível em: https://doi.org/10.36311/2008.978-85-98176-17-8.p19-34. Acesso em: 20 abr. 2026.

GOIS, Ancelmo. Em cima da hora, juiz liberou “Cristo Mendigo” em desfile de 1989, mas Joãosinho decidiu manter a faixa. **O Globo**, Rio de Janeiro, Blog do Ancelmo Gois, 26 jan. 2020. Disponível em: https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/em-cima-da-hora-juiz-

liberou-cristo-mendigo-em-desfile-de-1989-mas-joaosinho-decidiu-manter-faixa.html. Acesso em: 20 ago. 2024.

MANGABEIRA, Clark. Da Sapucaí, assombro holístico: breve (re)ensaio sobre o carnaval e o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro. **Policromias**: Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, ed. esp., p. 338-363, dez. 2020. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br/download/231395. Acesso em: 29 jul. 2024.

MENEZES, Renata de Castro. A coleção de fantasias Mangueira-Ludens: da efemeridade do carnaval às cinzas do Museu Nacional. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. esp., n. 1, p. 252-267, jul. 2022. Disponível em: https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2022/07/19-Renata-Menezes.pdf. Acesso em: 18 ago. 2024.

MOREIRA, Pedro U. Perrotta. **Festa na fresta**: a tradição no desfile da Mangueira de 2019. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

OLIVEIRA, Marcus Paulo de; LEMOS, Jardel Augusto da S. As inversões e os invertidos: para que tudo não se acabe na quarta-feira de cinzas. **Policromias**: Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, ed. esp., p. 364-388, dez. 2020. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br/download/231375. Acesso em: 29 jul. 2024.

OLIVEIRA JUNIOR, Mauro Cordeiro de. Carnavalescos e as escolas de samba S/A: produção simbólica, indústria cultural e mediação. **CSOnline**: Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 24, p. 232-255, dez. 2017. DOI: 10.34019/1981-2140.2017.17463. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17463. Acesso em: 27 ago. 2024.

OLIVEIRA JUNIOR, Mauro Cordeiro de; COSTA, Yuri Marcos Alves da. Vida e morte de uma escultura alegórica: uma análise do reaproveitamento de materiais na confecção do carnaval carioca. **Policromias**: Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, ed. esp., p. 651-661, dez. 2020. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/download/38528/21782/109186. Acesso em: 31 out. 2026.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941. Acesso em: 31 out. 2026.

RORIZ, Maria Lívia; BARBOSA, Marialva. Histórias de vida no mundo do samba: memórias e humanidades narrativas. **Revista Observatório**, Palmas, v. 6, n. 5 (2. ed. especial), p. 1-18, ago. 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/116425919/HIST%C3%93RIAS_DE_VIDA_NO_MUNDO_DO_SAMBA_Mem%C3%B3rias_e_humanidades_narrativas. Acesso em: 4 ago. 2024.

ROSA, Rodrigo Pereira da Silva; MATHIAS, Ângelo dos Santos. Oh, meu Rio! A águia vem te abraçar: representações da cidade do Rio de Janeiro nos enredos da Portela. **Policromias**:

Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, ed. esp., p. 21-48, dez. 2020. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br/download/231440. Acesso em: 29 jul. 2024.

TRINTA, Joãosinho. **Ratos e urubus, larguem minha fantasia**: enredo da Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis, 1989. Rio de Janeiro: Galeria do Samba, [s. d.]. Disponível em: https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/beija-flor-de-nilopolis/1989/. Acesso em: 30 set. 2023.

WINNER, Langdon. Artefatos têm política? Tradução de Debora Ferreira e Luiz Henrique Abrahão. **Analytica**: Revista de Filosofia, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 195-218, 2017. DOI: 10.35920/arf.v21i2.22470. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/22470. Acesso em: 29 nov. 2024.